

## Tempo e memória na poesia de Iderval Miranda

\*Thailane da P. Pereira <sup>1</sup> (thaipereira@outlook.com), Maria das G. M. Correia <sup>2</sup> (galmeirellesc@yahoo.com.br)

1. Estudante de Eletromecânica, IFBA / Campus Santo Amaro (thaipereira@outlook.com)

2. Orientadora e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA, Campus Santo Amaro (galmeirellesc@yahoo.com.br)

Palavras Chave: *Tempo, Memória, Experiência.*

### Introdução

O trabalho *Tempo e memória na poesia de Iderval Miranda* tem como propósito compreender como a experiência do escritor repercute em suas obras e como a memória passada constrói uma simbologia poética. O ponto crucial é a experiência do próprio poeta, contextualizando o tempo e a memória em seus poemas e na revisitação do passado. Sendo assim, através da pesquisa foi possível entender como, a linguagem poética, tempo e memória constroem um elo na formação de imagens relacionadas às múltiplas faces que o processo de criação revela. Mais especificamente, este estudo analisou a repercussão do tempo na memória projetada pela voz lírica no texto *Poemas de Feira* (Então, 2013), nas seções Beco do Mocó; Beco da Energia; Rua Marechal Deodoro; Kalilândia; A carreta de Oscar; Bar Savoy e Cine Íris. A leitura interpretativa do *corpus* remete diretamente a dados biográficos do autor: Iderval Miranda é natural de Feira de Santana. Assim, as imagens da cidade, por meio de versos curtos que metaforizam reminiscências do passado, reconstituem flagrantemente de uma juventude corporificada por lembranças saudosistas.

### Resultados e Discussão

A memória se apresenta fragmentada e faz um nexos com experiências passadas. De modo único, cria pontes entre o fluxo da memória individual e coletiva. Também pode ser entendida como associação e recordação do presente com o momento revisitado, sendo, a separação entre passado e presente operada pelo transcurso do tempo. (OLIVEIRA, 2012) Nesse sentido, por meio da análise dos poemas é possível afirmar que o eu-lírico revisita espaços da cidade de Feira de Santana, no Estado da Bahia, para ativar a memória de um passado, insinuatamente experienciado pelo próprio autor. Por exemplo, no poema *Beco do Mocó*, o eu-lírico revisita um local que lhe fora familiar, por meio de uma sequência de imagens pinceladas em aparente desconexão: “o intelectual e seu romance inacabado, a farmácia de cumpadinho, velhos gonococos e tristes samambaias já apodrecidas” forma uma unidade que caracteriza o local *Beco do mocó*, unificada na rememoração do eu-lírico como um conjunto que descreve o lugar. A partir desta noção de unidade finaliza o texto com o verso “juventude e saudade”. Já em *Beco da energia*, é perceptível também a materialização de imagens da juventude, dispostas nos versos “os copos/ ainda guardam as marcas/ dos lábios gastos pelo tempo”. Tais versos apresentam a tênue lembrança de mais um dos becos da cidade; este, rico em bares, guardou “alegria e tristeza” de um tempo pretérito. As reminiscências da memória podem ser compreendidas pelo jogo de palavras que gera ambiguidade, entre as marcas deixadas pelos

lábios nos copos e aquelas que ativam as memórias do eu-poético, também esparsas pela ação do tempo. O texto *Marechal Deodoro* pode ser analisado como transição entre infância e juventude. Por meio dos versos: “minhas calças compridas/ e aquelas revistas/ de que já não me lembro mais”, revela a transição física para o corpo adulto, que ao usar calças compridas – em oposição às antigas calças curtas da infância – passa a acessar revistas com temas de interesse dos jovens.

Em *Kalilândia*, nome atual de uma importante bairro da cidade, em suscita imagens recria a lembrança de uma cena de sua infância: “a guerra de que não participei/ por meu pai ter quebrado/ o imprescindível badogue”. O signo guerra remete aos períodos das brincadeiras pueris, rememoradas com saudosismo devido ao impedimento de participar por não possuir mais o elemento necessário para isso. As marcas da infância, do mesmo modo, despontam em *Carreta de Oscar*, em cujo único verso “grande como a rua”, a hipérbole revela o encantamento da criança diante do inusitado veículo que ocupava a rua onde, possivelmente, habitara. Bar Savoy, diferente dos dois últimos, traz a recordação de um passado mais recente: “meus domingos se perderam como a breve espuma da cerveja do bar savoy”. O uso do termo “breve”, tanto pode caracterizar o domingo, como sendo curto para as necessidades de descanso e lazer quanto para o transcurso do tempo entre juventude, fase adulta e madureza, que, conforme a percepção do eu-lírico, fora rapidamente sintetizado. Para encerrar, temos *BR-324*, no qual o sujeito lírico recorre a imagens características da rodovia que interliga sua cidade natal à capital da Bahia, Salvador. Uma possível interpretação, seria a escolha do eu-poético em permanecer no interior do estado, sua cidade natal, Feira de Santana, e ignorar, “que tudo vá pra puta que pariu”, as modificações urbanas sofridas pela metrópole.

### Conclusões

Por meio da análise deste conjunto de texto, tomado como exemplar da poesia do autor, é perceptível que a memória, na poesia de Iderval Miranda, se manifesta como imagem poética no qual as lembranças da infância se apresentam como memória pessoal, em que o eu-poético constrói imagens que podem ser compreendidas e identificadas como caracterizadoras de um memória coletiva, enfatizando o olhar da infância e a recuperação dessa memória para a nova realidade.

### Agradecimentos

Ao IFBA, Campus Santo Amaro BA, por contribuir e apoiar o projeto de uma estudante, reconhecendo a importância de valorizar esses primeiros projetos.